

PESQUISAS

Antropologia, nr. 14

6.º ano

Ano de 1962

ALFREDO ROHR, S. J.

**PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE
SANTA CATARINA E SAMBAQUIS DO LITORAL
SUL-CATARINENSE — IV (1961)**

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 -- Rio Grande do Sul — BRASIL

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Inácio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

A. B. Rambo, S. J. — Secretário de Redação

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados. A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 seções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verlasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

Antropologia, nr. 14

6.º ano

Ano de 1962

ALFREDO ROHR, S. J.

**PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE
SANTA CATARINA E SAMBAQUIS DO LITORAL
SUL-CATARINENSE — IV (1961)**

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS PÁLEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA E SAMBAQUIS DO LITORAL SUL-CATARINENSE

(Contribuição Nr. IV — ano de 1961)

ALFREDO ROHR, S.J. *

O presente relatório refere-se a uma rápida pesquisa no sambaqui da Praia Grande, no Rio Vermelho e a uma viagem ao litoral sul-catarinense.

1. ESCAVAÇÃO NO SAMBAQUI DA PRAIA GRANDE

Com o fim de esclarecer algumas dúvidas referentes aos vasos de argila não cozida, que escavamos no ano passado (1) e à falta quase absoluta de machados líticos, procedemos em fins de junho de 1961 a nova escavação no sambaqui da Praia Grande, no Rio Vermelho (Ilha de Santa Catarina). Dedicamos ao trabalho, a partir de junho, trabalhando em épocas diferentes e acompanhados sempre apenas de um empregado, exatamente 14 dias.

* Os desenhos que ilustram o presente trabalho foram, como nos anos anteriores, realizados no Departamento Estadual de Geografia e Cartografia. O autor deixa aqui o seu agradecimento ao dinâmico Diretor do DGEF pelo apoio incondicional e a ajuda desinteressada; bem como aos Desenhistas Cláudio Vasco e Hipólito do Valle Pereira pela elaboração dos desenhos.

1) Veja Pesquisas, Antropologia nr. 12, 1961. Bryan encontrou semelhantes vasos de argila não cozida, no sambaqui do Forte Marechal Luz, chamando-os de fornos de barro não cozido. (V. Bryan, A.L. — Excavation of a Brazilian Shell Mound, in Science of Man, vol. I, no. 5, 1961).

Delimitamos inicialmente, no setor NW do sambaqui, uma área de vinte e cinco metros quadrados destinada aos trabalhos da temporada. Tínhamos em vista explorar completamente aquele bloco até a base. Com o fim de localizar melhor o material que fôsse aparecendo, subdividimos a área em setôres de um metro quadrado de superfície, numerando com algarismos os quadrados em direção W-E e com letras em direção N-S.

Devido à abundância e à variedade de material arqueológico que foi aparecendo, conseguimos escavar apenas quinze metros quadrados e alcançamos neles só a profundidade de um metro e trinta centímetros.

1. *Estratigrafia*

O sambaqui da Praia Grande, na parte por nós escavada, apresentava a seguinte estratificação:

a. Todo o sambaqui encontra-se coberto por uma camada fina e branca de areia das dunas, oscilando entre dez e quarenta cm. de espessura na secção escolhida para escavação. Esta areia provém das dunas que circundam completamente o sambaqui.

b. Logo abaixo da camada de areia segue uma camada dura e compacta, de tonalidade escura, oscilando entre trinta e quarenta cm e formada de conchas, húmus preto, carvão e cinzas. Nesta camada, como aliás em todo o sambaqui, predomina o berbigão (*Anomalocardia brasiliana* Gmelin), aparecendo, com menos freqüência, conchas maiores (*Phacoides pectinatus* Gmelin) e a liugaruda (*Olivancillaria auricularia* Lamark), além de alguns búzios (*Strophocheilus ovatus* Müller) e moçambique (*Donax hanleyana* Philippi). Ocorrem nesta camada também seixos, ossos de mamíferos, de aves e de peixes. Encontramos nela um machado de pedra, que vai descrito mais adiante (fig. 2).

c. À camada escura e compacta segue material conchífero solto, predominando sempre o berbigão (*Anomalocardia*). Espalhados por toda a camada de conchas soltas, aparecem numerosos exemplares de caracóis, que o povo denomina búzios, havendo níveis ora mais ora menos extensos de *Phacóides* e de mariscos (*Branchiontes darwinianus* Orbigny), estes últimos em estado adiantado de decomposição, esfarelado ao menor contato. Há nesta camada também níveis mais ou menos espessos e extensos de areia pura

e branca; restos de fogueiras, caracterizadas por conchas calcinadas; núcleos de argila vermelha, cobrindo muitas vezes as fogueiras; abundantes restos de ossos de baleia calcinados; vértebras de peixes, ossos de mamíferos e de aves. Outrossim encontram-se nesta camada núcleos de terra negra e compacta, como existe em muitos lugares da planície sedimentar norte da Ilha de Santa Catarina. Ocorrem ainda seixos, na maioria dos casos, submetidos à ação do fogo e implementos de pedra, de ossos e de conchas, vasos de barro não cozido e esqueletos humanos.

2. *Descrição do material encontrado*

a. *Esqueletos humanos*

Com o fim de situar facilmente os esqueletos e materiais associados dentro do setor escavado, havíamos subdividido a área em blocos de um metro quadrado cada um, numerando com algarismos os quadrados em direção W-E e com letras em direção N-S. A distribuição dos esqueletos, dentro destes pontos de referência pode ser vista na figura 1.

No bloco 1-A, a uma profundidade de cinquenta cm, encontramos restos, perfeitamente conservados, de um esqueleto de adulto. O crânio, o tronco e os membros superiores já há muitos anos tinham sido destruídos por fabricantes de cal. Presente no lugar estava parte dos fêmures e todo o resto dos membros inferiores. O esqueleto estava deitado de bruços, à semelhança daquele que havíamos retirado do mesmo sambaqui em 1958, da profundidade de dois metros e meio. Os ossos estavam também tintos de vermelho, aparecendo barro vermelho principalmente nos pés. Não tinha, porém, uma coroa de areia branca, como tivera o dos anos anteriores. Os pés dirigiam-se precisamente em direção NNE. A tibia possuía o comprimento de trinta e cinco cm, o que permite atribuir, a este indivíduo, uma altura de um metro e sessenta e três cm aproximadamente.

No mesmo bloco 1-A e à mesma profundidade (cinquenta cm), distante cento e quatro cm do esqueleto de adulto, encontramos o de uma criança, que teria, no máximo, dois anos de idade. O esqueleto possuía quarenta e cinco centímetros de comprimento e tinha a cabeça orientada, precisamente, em direção WSW e os pés em direção ESE. O crânio estava esmagado, mas o resto do esqueleto, para a tenra

idade, estava relativamente bem conservado. Fôra sepultado, deitado de costas, envolvido em barro vermelho. Possuía como enfeite um colar de conchinhas, que ia do pescoço até a cintura e possuía um apêndice linear, feito das mesmas conchinhas, que se estendia até os joelhos. Os esqueletos de criança, que desenterramos em Caiacanga-Mirim, possuíam colares, feitos desta mesma espécie de conchinhas ovaladas. Ao lado direito do esqueleto havia ainda uma fila de dentes de miraguaia, os quais poderiam ter formado um colar ou estar de alguma outra forma associados com o sepultamento.

No bloco 3-A, a uma profundidade de um metro e dez cm encontramos as extremidades de um esqueleto humano, que parecia ter sido deitado sobre areia branca em brasa, de maneira que parte dos ossos estavam carbonizados. Tratava-se de alguns ossos do tarso, metatarso e falanges de um pé humano. Não nos ocorrendo uma explicação plausível, deixamos a ocorrência aqui consignada.

Um sepultamento extremamente interessante (fig 8), registramos sobre a abscissa limítrofe dos blocos 3-C e 4-C. Tratava-se do esqueleto de uma criança que teria dois a três anos de idade. O esqueleto possuía cinquenta e sete cm de comprimento e estava completamente achatado, mas os ossos restantes, encontravam-se na posição normal, embora extremamente frágeis. O esqueleto estava, literalmente, empacotado em barro vermelho, cor de sangue. Descansava sobre um osso largo de baleia. Era a omoplata do cetáceo, que fôra previamente revestida do mesmo barro vermelho em toda a sua superfície. Em ambos os lados do esqueleto, sobre o osso do fundo, haviam sido levantadas lâminas compridas de osso de baleia, que vinham formando uma espécie de caixão. A criança estava enfeitada com um colar de conchinhas ovaladas, da mesma espécie das que enfeitavam o esqueleto da outra criança. Além destas apareceram, ao redor do esqueleto, alguns búzios um pouco maiores, listrados de preto, espécie esta que só foi encontrada fazendo parte dos enfeites desta criança. No entanto não param aqui os detalhes deste caprichoso sepultamento. Aos pés da criança, do lado direito, havia um grande vaso de barro não cozido. Já falamos destes vasos de barro em publicação anterior (Pesquisas 1959). Este vaso situava-se no bloco 3-B, encontrando-se a sua base, à profundidade de oitenta e cinco cm., distava dez cm do esqueleto da criança. Possuía quarenta e cinco cm de altura, sessenta e cinco cm de diâmetro máximo e trinta cm de boca. A forma era esférica,

truncada em cima e embaixo. As paredes tinham espessura irregular de cinco a seis cm. O fundo era muito espesso, ultrapassando dez cm. Ête vaso estava repleto de areia, sem conchas, tendo no fundo alguns pequenos fragmentos de pedra, irregulares, e um machado lítico, que vai descrito mais adiante (fig. 4). Do outro lado, a dez cm dos pés da criança, localizava-se segundo vaso de barro não cozindo. Êste vaso, situado, no setor 3-C, possuía cinquenta e seis cm de fundo interno e trinta e cinco cm de diâmetro interno. As paredes tinham espessura irregular de quatro a oito cm. Êste vaso estava cheio de conchas grandes e limpas, tôdas da mesma espécie (*Phacoides pectinatus* Gmelin). Do lado esquerdo, quinze cm distante da cabeça da criança, situado no setor 4-B havia um fogão arredondado, feito do mesmo barro vermelho, à semelhança dos vasos. Êste fogão possuía setenta e dois cm de diâmetro maior e sessenta e dois cm de diâmetro menor, por vinte cm de altura. Estava coberto de conchas calcinadas e cinzas e tinha grande número de glebas de barro na superfície.

Sessenta cm atrás do esqueleto de criança topamos com o crânio de um esqueleto de adulto, que se encontrava quarenta cm mais fundo que o anterior. O esqueleto (fig. 7) estava deitado de bruços e estendia-se por baixo do esqueleto de criança. Tinha a cabeça orientada em direção leste e estava embrulhado no mesmo barro vermelho escuro que cobria o esqueleto de criança. O esqueleto em foco era de uma mulher falecida na flor da idade. Apesar de possuir já todos os dentes, o desgaste dêles era insignificante. Tinha cento e setenta e quatro cm de comprimento. O barro que envolvia êste esqueleto e o anterior, possuía tintura muito mais vermelha que os vasos de barro, que se encontram com frequência no mesmo casqueiro. Talvez juntassem ao barro alguma tintura de urucum ou submetessem-no a algum processo de calcinação.

Encontramos dois outros esqueletos de criança, ambos de uns quatro a cinco anos de idade, envolvidos também em barro vermelho, mas de tonalidade menos berrante. O primeiro dêles era incompleto. Havia, apenas, restos do crânio, da bacia e algumas costelas. Situava-se no bloco 5-C. Tinha um enfeite de rodela de conchas de dois a três cm de diâmetro, com um orifício no centro. O segundo esqueleto estava completo, mas tinha uma camada de conchas calcinadas por cima e por baixo. Os esqueletos encontravam-se em péssimo estado de conservação, sendo escusado recolher ao museu aquêles farelos de osso.

b. Implementos líticos e ósseos

Foram relativamente poucos os machados de pedra escavados na Praia Grande. No decorrer dos quatorze dias de escavação foram encontradas apenas três machados, todos de basalto. Na forma exterior assemelham-se aos machados angulosos da Base Aérea (Caiacanga-Mirim).

O primeiro machado (fig. 2) foi encontrado em 1960 a poucos cm de profundidade, na camada escura, formada de terra e húmus de mistura com conchas. Possui cento e quarenta e nove mm de comprimento, por sessenta e quatro de largura máxima, perto do corte, estreitando-se e engrossando em direção da cabeça. A espessura máxima é de trinta e cinco mm. O corte arredondado é perfeitamente alisado e em nada danificado pelo uso. As faces e os lados formam planos, parcialmente alisados, com raros sinais de lascamento lateral. Uma das faces apresenta uma extensa superfície de lascamento natural ao centro. A cabeça forma um plano irregular, numerosas superfícies de lascamentos laterais. O pêso é de seiscentos e quinze gr.

O segundo machado (fig. 3) consiste numa peça mais maciça de cento e noventa e três mm de comprimento, por uma largura quase uniforme de oitenta e cinco mm e quarenta mm de espessura máxima. E' alisado apenas no corte. Êste forma uma linha quebrada ao meio e apresenta-se bastante danificado pelo uso. Em uma das faces apresenta três cavidades e naoutra duas, que revelam um uso suplementar como quebra-cocos. A cabeça e um dos lados são arredondados; o outro lado é oblíquo às faces. Pesa mil e cinquenta gr.

O terceiro machado (fig. 4), foi encontrado no fundo de um vaso de barro não cozido. Êste vaso estava repleto de areia branca e situava-se ao lado de um esqueleto de criança, sepultada sôbre osso de baleia. E' menor do que os dois outros, pesando apenas seiscentas gr. Possui forma triangular e cento e trinta e quatro mm de comprimento por setenta de largura máxima no corte, estreitando em direção da cabeça, que numa face termina em aresta e na outra, em pequena face. O corte é muito bem alisado, quase reto e muito pouco danificado pelo uso. As faces triangulares são levemente alisadas. Os lados são formados por planos triangulares, não alisados.

Duas outras peças são ainda dignas de nota, entre o material lítico colhido no sambaqui do Rio Vermelho. A primeira é um fragmento de tembetá, de quatro cm de com-

primento, em tudo semelhante aos tembetás da Base Aérea. A outra é um quebra-coquinhos, de noventa e cinco mm de comprimento e outro tanto de largura, por quarenta e oito mm de espessura. Possui forma quase circular, ostentando, no centro de uma das faces, a cavidade característica. Feito de maláfiro, já se encontra em estado adiantado de decomposição, apresentando, devido a isto, côr cinzenta.

O material lítico restante, que aparece com freqüência naquele sambaqui, apresenta geralmente a superfície muito angulosa e fraturada, a mais irregular possível, por ter sido submetido à ação do fogo. Encontramos algumas peças maiores, que serviam de amoladores, apresentando superfícies alisadas. Um fragmento de setenta e quatro mm de comprimento e sessenta e cinco de largura, apresenta uma superfície de alisamento abaulada à guisa de canoa, de bôjo raso.

Em material ósseo, além de alguns ossinhos de peixe, parcialmente alisados, mas que perderam as extremidades, encontramos quatro utensílios munidos de pontas perfeitas. Foram confeccionados do osso longo de algum pássaro. Possuem forma de pontas de flecha, mas devido ao tamanno minúsculo talvez tenham servido de físgas de anzol.

O primeiro dêles foi encontrado junto do esqueleto de criança, envôlta em barro vermelho e sepultada sôbre a omoplata de baleia. Tem a tintura do barro côr de sangue aderente ao osso. Foi confeccionado do osso longo de alguma ave e tem a forma da secção longitudinal de um fuso, com ambas as extremidades em pontas agudas, muito bem acabadas, sendo uma delas um pouco mais obtusa do que a outra. O comprimento é de trinta e nove mm, a largura máxima de quatro mm, não alcançando dois mm de espessura. O pêso é insignificante, não ultrapassando trezentos e setenta miligramas. Apresenta porém um particular que não observamos em nenhum objeto similar, encontrado até a presente data; a saber, um orifício quase circular de dois mm de diâmetro, praticado a sete mm de distância da extremidade mais obtusa. Êste orifício sugere o uso desta peça como agulha.

O segundo e o terceiro são objetos similares ao precedente, possuindo um dêles trinta e dois mm. de comprimento, por quatro mm de largura máxima, tem tôda a superfície perfeitamente alisada, terminando ambas as extremidades em ponta aguda e bem conservada. O outro perdeu uma metade, por fratura, apresentando apenas uma ponta aguda e bem conservada.

O quarto é uma agulha óssea fusiforme de vinte e nove mm de comprimento, três mm de largura máxima e um mm de espessura. Foi confeccionado também do osso comprido de algum pássaro, munido de duas pontas, uma delas muito aguda e a outra um pouco mais obtusa. Ambas as pontas estão ainda muito bem conservadas e o objeto prestar-se-ia muito bem para fisgar peixes. O pêso das três últimas peças é insignificante.

II. OS SAMBAQUIS DO LITORAL SUL-CATARINENSE

Em julho tivemos ensejo de visitar a zona das grandes lagoas e dos grandes sambaquis no litoral sul-catarinense, abrangendo os municípios de Jaguaruna, Laguna, Imaruí e Imbituba. Observamos com profunda comoção aqueles imponentes monumentos arqueológicos, que pelo seu número e, particularmente pelo seu tamanho, permitem aquilatar de alguma maneira o poderio humano que, em tempos idos, campeava naquelas paragens. São verdadeiras montanhas de conchas, repletas de esqueletos humanos e material arqueológico, alcançando dez, vinte, trinta e mais metros de altura, por centenas de metros de comprimento. Impossível, numa rápida viagem, dar um conspetto, ainda que aproximativo, de tôdas as jazidas, localizadas naquelas extensas planícies; tanto mais que grande número delas não é acessível a veículo algum. Necessários se tornariam meses de trabalho árduo e de caminhadas estafantes a pé, através de mangues, dunas e pantanais para proceder a um levantamento arqueológico rigoroso daquela região.

Como na Ilha de Santa Catarina, deve existir também por lá, elevado número de pequenas jazidas péleo-etnográficas, ainda de todo desconhecidas, de vez que o povo somente toma conhecimento dos grandes casqueiros, que atingem mil metros cúbicos de casca para fora. Por outro lado nenhum especialista no assunto, até a presente data tem feito qualquer pesquisa na zona que fica ao sul de Laguna.

Jaguaruna é um Município, formado por uma extensa faixa de praia. A dez quilômetros daquela cidade, existe o sambaqui da Jaboticabeira, uma jazida imensa, que dez anos de intensa exploração industrial não conseguiram nivelar ao solo. Ocupa uma superfície de uns cinquenta mil metros quadrados, atingindo a altura de vinte e cinco a trinta metros, nos pontos mais elevados. A composição malacológica é a comum a todos os sambaquis, predominando o berbigão,

misturado com muita ostra. Por ensejo da nossa visita, recolhemos uma tibia, um quebra-cocos e uma pedra de amolar. O sambaqui não parece muito rico em esqueletos humanos.

Dirigindo-nos à praia de Jaguaruna, visitamos os três grandes concheiros da Lagoa da Figueirinha, que elevam as suas cabeças, em meio às dunas brancas. Estão dispostos em forma triangular, distando aproximadamente um Km entre si e outro tanto da praia do oceano. Os dois maiores possuem uma altura que atinge vinte e cinco a trinta metros, por uns cento e cinquenta metros de comprimento e setenta de largura, sendo um deles um pouco mais comprido que o outro. O terceiro é calvo e mais baixo que os outros. Desaparece e reaparece, várias vezes, sob as areias das dunas, numa extensão de uns cem metros. Quanto à composição, os três sambaquis da Lagoa da Figueirinha são mais ou menos idênticos: berbigão, ostra, alguma concha maior, caramujos terrestres, ossos de baleia etc. O material lítico que neles aparece com abundância, consiste, na maioria dos casos de um arenito de tonalidade escura, cimentado pelo óxido de ferro. Devido à ação polidora da areia das dunas, tangida pelo vento, adquire externamente um brilho vítreo original. Recolhemos nestes sambaquis ossos humanos, quebra-cocos, machados líticos e outros artefatos com sinais de uso. Os sambaquis da Lagoa da Figueirinha encontram-se ainda intatos.

No trecho da praia de uns vinte Km de extensão que medeia entre a Lagoa da Figueirinha e o Cabo de Santa Marta, existe uma série de outros sambaquis, que não nos foi possível visitar. Vimos porém, à distância, as cabeças cônicas de vários deles, sobressaindo às dunas.

Retornando de Jaguaruna a **Laguna**, pelo Município de Tubarão, a estrada federal nos conduz à ponte, que atravessa a Lagoa de Imaruí na Cabeçuda, a poucos Km de Laguna. Na Cabeçuda situa-se um dos maiores sambaquis de que se tem notícia. E' este também um dos sambaquis melhor estudados e igualmente mais estragados do litoral sul do País. O Dr. Castro Faria, do Museu Nacinal, procedeu a escavações neste casqueiro, em 1950, retirando dele abundante material arqueológico. Os esqueletos nele encontrados apresentavam-se em posição acorada, flexionados e geralmente pintados de vermelho. O sambaqui inicialmente deveria possuir uns quatrocentos metros de comprimento, por trinta de altura. Atualmente, além da base, existe dele ainda um ponto elevado, de uns dez a quinze metros quadrados de su-

perfície. O desmonte total dêste casqueiro, fornecerá ainda muitos milhares de metros cúbicos de concha.

Atravessando a cidade de Laguna e passando a Barra, chegamos à zona praieira, situada ao norte do Cabo de Santa Marta. Esta zona de uns vinte e cinco Km de extensão está pontilhada de grandes sambaquis. A premência do tempo não nos permitiu demorar-nos em cada um deles. Muitos deles vimo-los apenas de passagem e à distância. No lugar denominado Passagem da Balsa, próximo à Barra da Laguna, existem dois sambaquis. O primeiro está sofrendo exploração industrial e aparenta ter uns vinte e cinco metros de altura.

O sambaqui do Gravatá, visto à distância de alguns Km, aparenta uma verdadeira montanha e está ainda intato. O sambaqui do Morro do Padre é propriedade da Indústria Catarinense de Adubos. Possui uns dez a quinze metros de altura, por duzentos metros de comprimento. Por ora ainda está intato.

O sambaqui da Ponta da Galheta, tem apenas cinco a seis metros de altura.

No lugar chamado Carniça existem cinco sambaquis. Os dois maiores encontram-se em exploração industrial, por parte da Companhia Catarinense de Adubos. Têm a altura de uns trinta metros e duzentos e cinquenta metros de comprimento aproximadamente. Os outros três são amontoados menores de conchas, elevando-se uns três a quatro metros acima do nível do solo e de superfície variável.

No cabo de Santa Marta estão localizados quatro sambaquis. O maior deles encontra-se a uns quinhentos metros do farol. Está cobrindo a encosta de um morro, tendo uns duzentos metros de diâmetro e altura máxima de dez a quinze metros. O segundo encontra-se nas dunas à distância de um Km do farol. Terá também os seus dez metros de altura por uns cem de comprimento. A uns dois Km ao norte do farol, dois outros casqueiros elevam as suas cabeças cônicas em meio às areias. Vistos à distância parecem não atingir dez metros de altura.

Outra zona rica em sambaquis é o Município de *Imaruí*. Seguindo a estrada que, rodeando a Lagoa de Imaruí, nos leva à estrada federal, visitamos quatro grandes sambaquis, todos eles já parcialmente destruídos. O primeiro encontra-se dentro da cidade de Imaruí, em terrenos de propriedade de Lucidônio Teixeira. Vem sendo explorado, por um decênio, no fabrico de cal. Possui uns cento e cinquenta metros de diâmetro, por quatro a cinco metros de altura.

Além de restos de esqueletos, aparecem neste casqueiro machados com encaixe, perfeitamente polidos, clavas líticas com encaixe, tembetás, quebra-cocos, alisadores etc. Parece tratar-se de uma jazida rica e original, por apresentar material lítico com encaixe para o cabo. O segundo casqueiro encontra-se a uns dez Km da cidade de Imarui, no lugar chamado Samambaia. Situa-se sob o leito da estrada, estendendo-se para dentro de um pasto. Está assinalado pelas ruínas de uma moradia, que se elevam no ponto mais alto do casqueiro. Terá os seus setenta metros de diâmetro, por três a quatro metros de espessura de conchas. Forte pancada de chuva impediu-nos de proceder a uma vistoria mais detalhada do casqueiro, quanto à sua composição. O terceiro casqueiro de Imarui, situa-se também em Samambaia, distando uns seis a oito Km do outro. Apresenta a altura respeitável de uns dez metros por uns duzentos metros de comprimento. Desde anos vem sendo explorado no fabrico de cal. Vimos abundantes restos de esqueletos humanos, espalhados por entre as conchas. Em material lítico sòmente havia seixos lascados, principalmente de quartzito. Uma busca mais demorada certamente revelaria também a ocorrência de pedra polida.

O quarto sambaqui encontra-se próximo à divisa do Município de Imarui com Laguna. Está situado em terrenos de Honorato Avelino Isidoro, sendo explorado pelo Departamento de Estradas de Rodagem. Inicialmente possuía uns cento e cinquenta metros de comprimento, por uns cinquenta de largura e quatro a cinco metros de espessura de conchas. Aproximadamente dois terços do sambaqui já foram destruídos, servindo o material conchífero para lastro de estradas. Trata-se de um casqueiro rico em material arqueológico. Recolhemos nele machados de pedra, de corte alisado, pesos de rede, percussores e abundantes restos de esqueletos humanos, pintados de vermelho. Dois esqueletos que apareciam, semi-descobertos, na rampa do concheiro, nos permitiram constatar que se trata de sepultamentos em posição flexionada; estavam acorados e pintados de vermelho.

Do outro lado da Lagoa do Imarui, no lugar chamado Perrichil, que fica no trecho de estrada de Laguna a Imbituba e Mirim, situa-se também uma série de grandes sambaquis. Podem ser alcançados, em vinte minutos, por um remeiro a canoa, partindo de Imarui. O primeiro destes casqueiros possui seis a oito metros de altura por uns cem metros de comprimento. Apresenta largos cortes, praticados

pela indústria de cal. O segundo sambaqui do Perrichil possuía uns setenta metros de diâmetro e foi completamente arrasado no decurso dos últimos dois anos pela Indústria Catarinense de Adubos Ltda., de Laguna. Ao longo da estrada do Perrichil, que liga o primeiro ao segundo sambaqui, existe um extenso lençol de conchas, que não sabemos se constitui apenas a base restante de um grande sambaqui destruído, ou vem a ser um dêstes sambaquis baixos, de um metro ou menos de espessura de conchas por algumas centenas de metros de comprimento, como existe grande número na Ilha de Santa Catarina.

O braço oriental da Lagoa de Imarui toma o nome de Lagoa Mirim. As margens desta Lagoa são igualmente sede de importantes jazidas arqueológicas, a maioria delas infelizmente já destruídas. No trecho de estrada, de três Km de extensão, que medeia entre a Vila de Mirim e o encruzo Imbituba-Imarui, visitamos a base de dois extensos sambaquis, completamente arrasados, um à direita e o outro à esquerda do leito da estrada. O primeiro teria uns cem e o outro uns setenta metros de diâmetro. Uma caixa de que-rozene, repleta de ossos humanos, guardados em um paiol, é o que resta no local do material arqueológico daquelas duas jazidas.

Seguindo o encruzo um Km de estrada, via Imarui, chegamos ao grande *sambaqui da Passagem do Rio d'Una* (fig. 9) de propriedade do Sr. Renê de Souza Machado. Detivemo-nos neste sambaqui durante quatro dias com o fim de proceder a uma tentativa de escavação. Êste casqueiro situa-se a menos de um Km da Lagoa Mirim e uns quinhentos metros do Rio d'Una. Possuía inicialmente acima de quatrocentos metros de extensão, por uns cem metros de largura, atingindo em alguns pontos a altura máxima de quinze metros. Deveria ter um volume que oscilava entre trezentos e quatrocentos mil metros cúbicos de conchas. Esta imensa montanha de conchas foi praticamente arrasada pelo Departamento de Estradas de Rodagem. Restam ainda uns dez a quinze mil metros cúbicos, que estão sendo rapidamente destruídos, no fabrico de cal, pelo proprietário do casqueiro. Meia dúzia de operários serviam dois espaçosos fornos de cal, que funcionando ininterruptamente, forneciam vagões do precioso material de construção, preparado às custas dos suores e das ossadas do homem pré-histórico. O serviço do desmonte segue uma técnica muito simples e prática sob o ponto de vista econômico e industrial; técnica esta

infelizmente a menos indicada sob o ponto de vista científico. Consiste em retirar o material conchífero, relativamente sôlto na base do sambaqui, provocando desta maneira desmoronamentos sucessivos e corridas das conchas no monte. Tôdas as camadas do sambaqui são baralhadas e qualquer esqueleto ou artefato ósseo se fratura e espalha, durante o desmoronamento, resistindo apenas o material lítico. Tem acontecido até que operários fôssem soterrados pelas conchas, em desmoronamentos imprevistos, conseguindo-se a custo salvar-lhes a vida.

Estratigrafia: Obtida a devida autorização do dono, iniciamos a nossa tarefa no tôpo do sambaqui, à beira da rampa de uns dez metros de altura, formada pelos desmoronamentos. A superfície estava parcialmente ocupada por uma pequena cultura de hortaliças, cana de açúcar e milho. Mais adiante erguiam-se arbustos de assobieira e até árvores frondosas de nogueira brasileira. Outras árvores já haviam tombado rampa abaixo, ficando os tocos maciços de raízes erguidas ao ar.

No corte constatamos, em primeiro plano, aquêle lençol escuro, formado de conchas e húmus que costuma cobrir todos os sambaquis. Esta camada, no ponto por nós devassado, apresentava a espessura considerável de aproximadamente um metro. Superficialmente, numa espessura de dez a quinze cm, era formada de húmus, com fraca porcentagem de farelo de conchas que fornece excelente terra de cultura. Seguiam-se dois estratos de vinte e respectivamente trinta cm de espessura, compostos de conchas com húmus. O primeiro dêles, formado de húmus e quantidade maior de conchas, apresenta tonalidade mais clara do que o segundo, formado de menor porcentagem de conchas, predominando nele a tonalidade mais escura do húmus.

Segue um estrato de tonalidade pardo-escuro, em que novamente predomina o material conchífero. A espécie predominante nesta camada superior do sambaqui é o berbigão, ocorrendo também muita ostra. Anotamos ainda o aparecimento de abundantes restos de ossos de mamíferos, peixes e aves, carvão de madeira, fragmentos de pedra, submetidos à ação do fogo, machados de pedra etc.

A seguinte camada é formada de conchas puras, sem mistura de terra prêta. As conchas são das mesmas espécies, acima citadas, predominando o berbigão, entremeado de extensos lençóis finos de ostras. Ocorrem, nesta camada também com abundância, restos de ossos de peixe, pássaros e mamíferos, apresentando êstes ossos a côr amarelo-claro em

oposição aos da primeira camada, de côr escura. Igualmente freqüentes, nesta segunda camada são pedras de todos os tipos, submetidos à ação do fogo e de fratura irregular. Aprofundamos a nossa escavação, nesta segunda camada, não muito além de um metro e trinta cm, porque nesta profundidade topamos com restos de um esqueleto humano. Tratava-se do esqueleto de uma pessoa adulta, cujo tronco já havia rolado rampa abaixo, esfarelando-se na queda. Por curiosa coincidência, à semelhança do esqueleto do Rio Vermelho, restavam apenas os membros inferiores, com parte do fêmur. Estava deitado de costas, em posição estendida, em direção norte-sul, tendo as pernas cruzadas. A tibia possuía o comprimento de trinta e seis cm. Encontrava-se a uma profundidade de cento e trinta e cinco cm, tendo a cabeça orientada em sentido sul. Alcançando as pontas dos pés, na nossa tarefa cuidadosa de pôr a descoberto todos os pormenores dêste resto de esqueleto, verificamos a presença de um número excessivo de ossinhos das falanges. Êste fato, suscitou-nos a suspeita de existir no local segundo esqueleto. Numa sonda cuidadosa, feita mais adiante, descobrimos realmente a tibia de segundo esqueleto (fig. 10), confirmando-se assim a nossa suspeita. Êste segundo esqueleto estava completo e opunha-se ao primeiro pela planta dos pés. Ambos os esqueletos eram de pessoas adultas, sepultadas em posição estendida, não flexionados, deitados em decúbito dorsal e em direção norte-sul. O primeiro esqueleto incompleto tinha a cabeça orientada em sentido sul e o segundo em sentido norte. O primeiro apresentava-se de pernas cruzadas.

O crânio estava fraturado, a bôca aberta e a mandíbula achava-se um pouco desviada para a esquerda. A dentadura era completa e os dentes apresentavam a abrasão característica dos esqueletos dos sambaquis. Tratava-se do esqueleto de um indivíduo do sexo masculino, falecido na idade madura. A caveira, no seu aspecto geral, assemelha-se bastante aos homens de Caiacanga-Mirim, Base Aérea de Florianópolis, que também estão sepultados estendidos em decúbito dorsal e sem tintura vermelha nos esqueletos. Êstes esqueletos foram sepultados sem a tintura vermelha, mas nos foram entregues, pelos operários, alguns fragmentos de outros esqueletos, procedentes do mesmo sambaqui, que apresentavam, nitidamente, a tintura vermelha, que observamos nos esqueletos da Praia Grande do Rio Vermelho.

Um fato curioso é que, apesar de já terem sido destruídos centenas, talvez até milhares de esqueletos humanos,

durante o desmonte daquêlê imenso concheiro, nenhum dos operários, nem sequer o dono do concheiro, jamais haviam visto um esqueleto humano inteiro. Ficaram verdadeiramente perplexos e até chocados, com o aspecto dos dois homens pré-históricos, adormecidos naquele monte de conchas.

Além de fragmentos de ossadas humanas, foram-nos entregues alguns artefatos, encontrados no sambaqui da Passagem do Rio d'Una. Salientam-se entre êles, os seguintes objetos:

1. — Uma clava de basalto com encaixes para o cabo. E' um artefato aliás raro, de vez que na coleção de milhares de peças do Colégio Catarinense (atualmente Museu do Homem Americano), não existia, até então, peça similar. Tem a forma de machado, quase todo alisado, mas sem corte, servindo de objeto contundente, em vez de objeto cortante. O comprimento é de noventa e cinco mm, cinquenta e oito mm de largura máxima e trinta e seis mm de espessura máxima. As faces são convexas e quase inteiramente polidas. Os lados são formados por arestas irregulares com numerosas superfícies pequenas de lascamento lateral. A cabeça forma pequeno plano também com numerosas superfícies de lascamento lateral. Os encaixes são simétricos em ambos os lados, com profundidade de uns três mm, distantes vinte mm da cabeça e são internamente cinzelados, não alisados.

Objeto similar ao precedente, recolhemos na mesma ocasião no sambaqui do Sr. Lucidônio Teixeira em Imaruí (fig. 5). E' artefato praticamente da mesma espessura e largura, apenas dois cm mais comprido. Apresenta, tanto os lados como as faces alisadas e em forma de paralelogramo. A cabeça e a ponta de percussão apresentam numerosas superfícies de lascamento lateral. Os encaixes igualmente simétricos e profundos, em ambos os lados, encontram-se a um terço da cabeça. A ponta percussora é mais espessa do que na peça anterior do Rio d'Una.

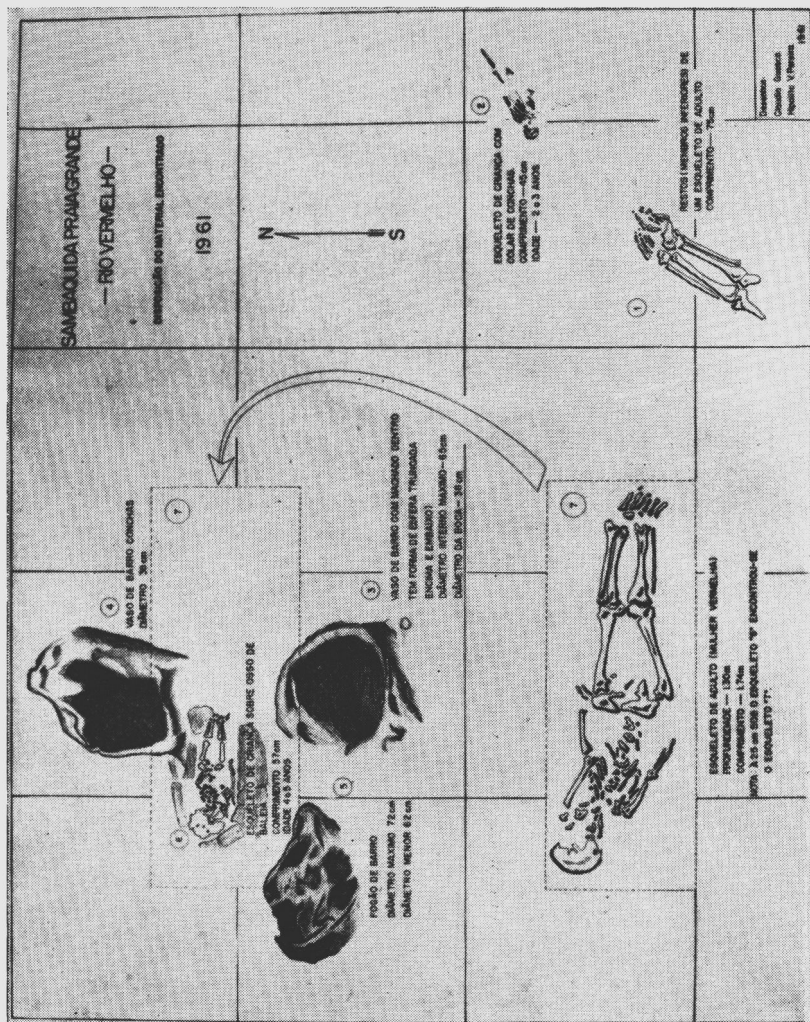
2. — Um pequeno machado de basalto de sessenta e oito mm de comprimento, quarenta e cinco mm de largura máxima, por trinta mm de espessura máxima. As faces são convexas e parcialmente alisadas. O corte é perfeitamente alisado e muito pouco danificado pelo uso; forma uma linha curva. A cabeça forma um plano, todo rodeado de superfícies de lascamento lateral.

3. — Um pequeno quebra-coco de cinquenta e sete mm de comprimento, quarenta e cinco mm de largura e trinta mm de espessura. Em ambas as faces apresenta uma cavi-

dade quase simétrica, de trinta mm de diâmetro e três a quatro mm de profundidade. Foi feito de basalto, que já se encontra em decomposição.

4. — Um artefato cortante, do osso laminar de uma baleia, todo alisado. O aspeto é de machado, em forma elíptica. Uma das faces é oval e a outra, quase plana. Ambos os lados são alisados, sendo um deles mais espesso. A extremidade cortante foi bastante danificada pelo uso.

5. — O Sr. José Cardoso Jeremias de Imbituba, apresentou-nos, na mesma ocasião, com um artefato zoomorfo (fig. 6), encontrado no morro de Mirim entre a cidade de Imbituba e a Lagoa Mirim. Apesar de ter sido encontrado na roça, este artefato evidentemente pertenceu ao homem dos sambaquis. Trata-se de Batráquio (sapo) cinzelado em pedra. Possui cento e trinta e nove mm de comprimento; sessenta e cinco mm de largura e quase outro tanto de espessura máxima. A cabeça destaca-se do tronco, por meio de um friso largo e raso, que, formando um ângulo reto, em ambos os lados, prolonga-se lateralmente sobre todo o dorso. A fronte, muito saliente, é formada por uma aresta arredondada. A boca é formada por um sulco largo e pouco profundo, entre duas arestas arredondadas, indicando uma delas o nariz e a outra, o mento. Os pés são indicados por quatro saliências mamilares simétricas. O dorso é abaulado e forma um plano levemente inclinado em direção da cauda.



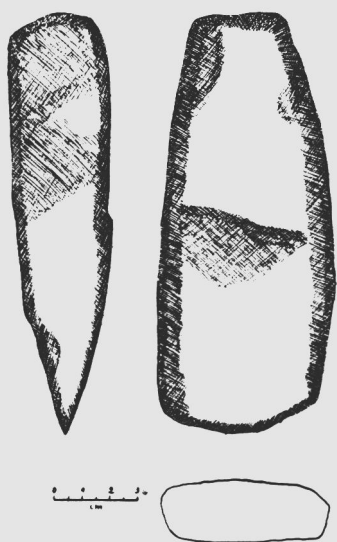


FIG. 2 — MACHADO DE PEDRA — RIO VERMELHO

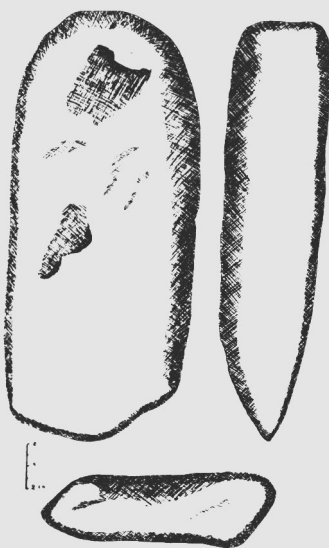


FIG. 3 — MACHADO DE PEDRA — RIO VERMELHO

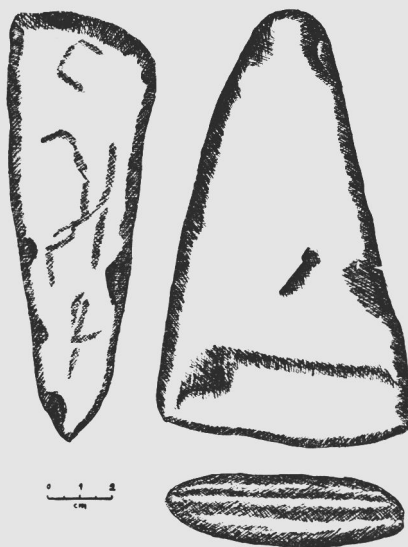
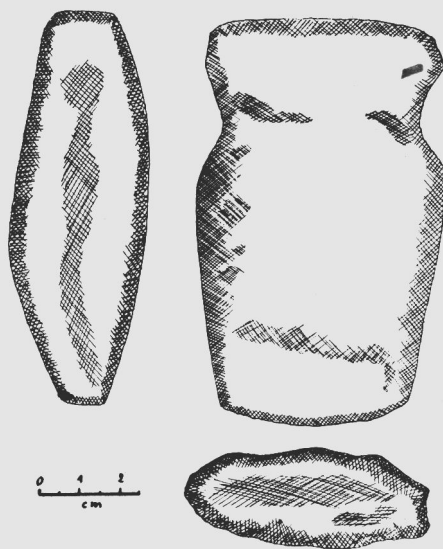


FIG. 4 — MACHADO DE PEDRA — RIO VERMELHO



**FIG. 5 — Clava de pedra com encaixe para o cabo sambaqui de
Lucidônio Teixeira**

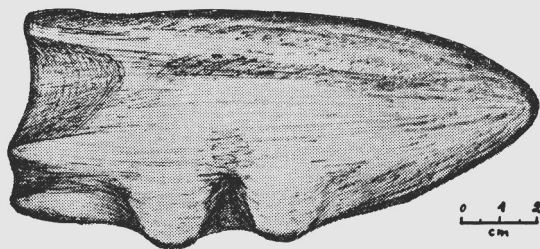


FIG. 6 — Lito zoomorfo (batráquio) encontrado em Imbituba

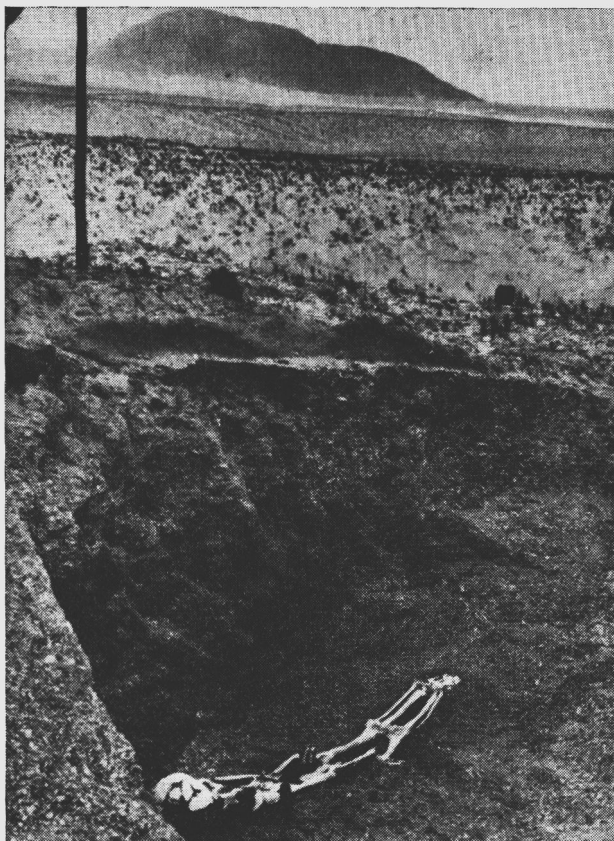


FIG. 7 — Rio Vermelho, Ilha de Santa Catarina: Esqueleto de mulher, pintado de vermelho. Ao fundo as dunas, o oceano e a Ilha das Aranhas

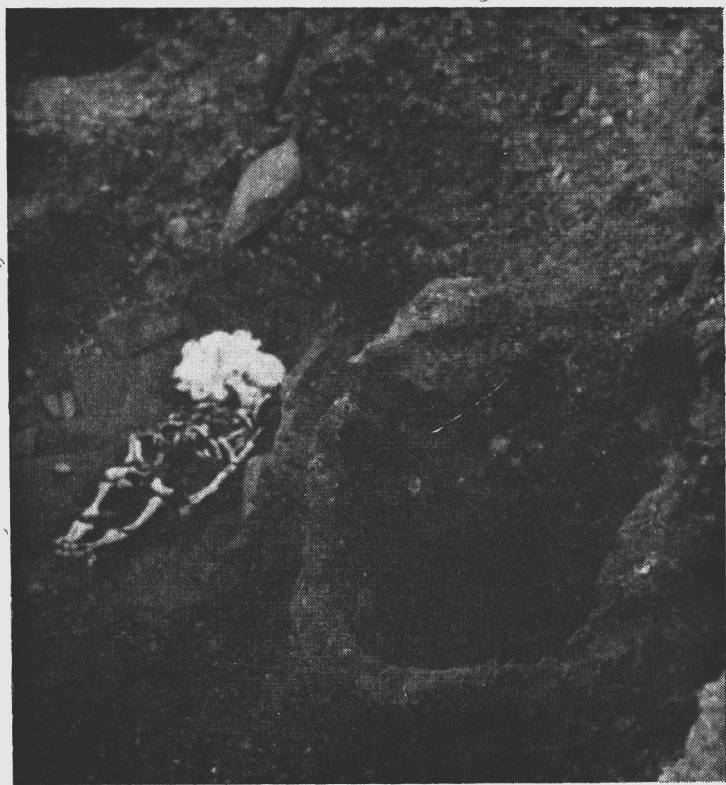


FIG. 8 — Sambaqui da Praia Grande (Rio Vermelho). Esqueleto de criança, sepultada sôbre ossos de baleia, tendo ao lado um vaso de barro, com conchas comestíveis

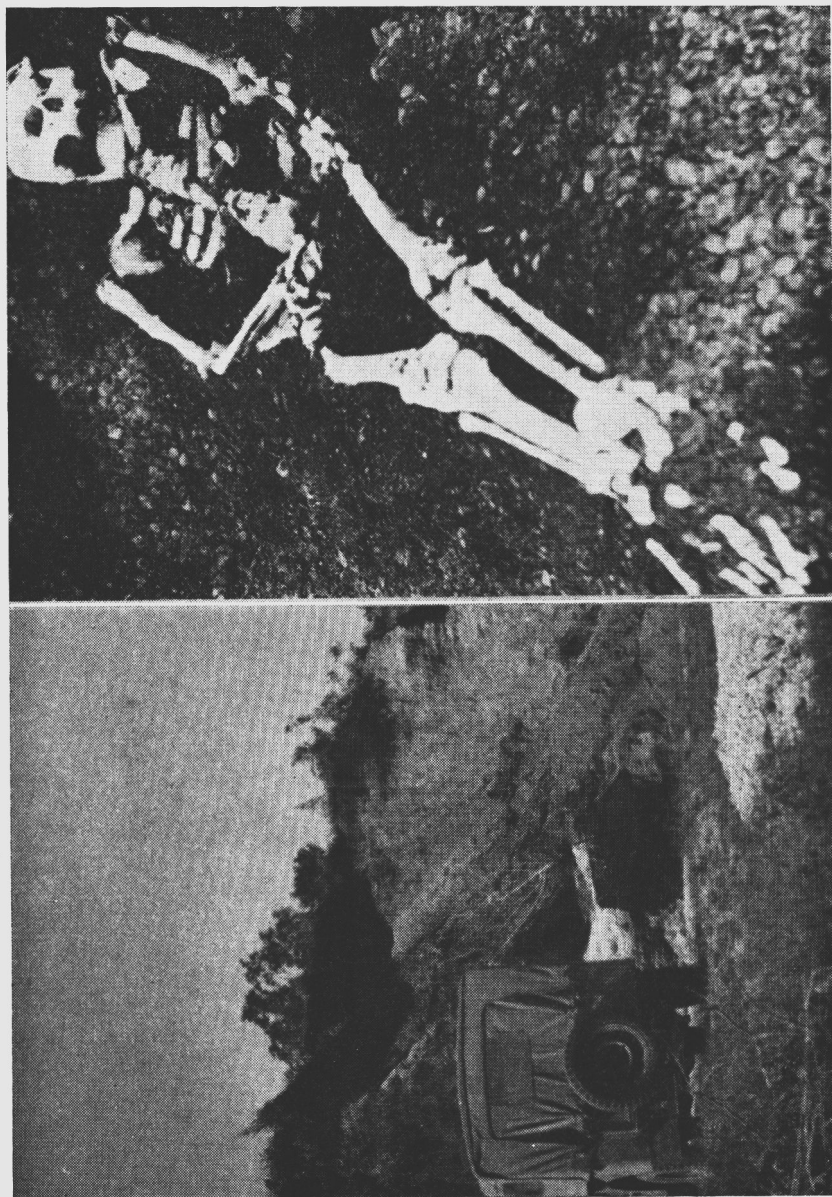


FIG. 9, 10 — Sambaqui no Rio d'Una. Esqueleto aí encontrado

P E S Q U I S A S

Publicações de Antropologia

1. UM PARADEIRO GUARANI NO ALTO URUGUAI — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 1, 1957, 122-142.
2. OS IRANCHE, CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ETNOLÓGICO DA TRIBO — José de Moura, S. J. — Pesquisas, 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. PARADEIROS GUARANIS EM OSÓRIO (RIO GRANDE DO SUL) — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 113-143.
4. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. A CERÂMICA GUARANI DA ILHA DE SANTA CATARINA E A CERÂMICA DA BASE AÉREA — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 3, 1957, 267-324.
6. SCHMUCKGEGENSTÄNDE AUS DEN MUSCHELBERGEN VON PARANÁ UND SANTA CATARINA, Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. OBJETOS ZOOMORFOS DO LITORAL DE STA. CATARINA E PARANÁ — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia n. 7, 51 pp., 13 tab.
8. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA, II — A. Rohr, S. J., Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 páginas, 5 figuras, 1 mapa.
9. JUAN DEL OSO EN LOS TUZTLAS — J. Hasler, Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 páginas.
10. OS MÜNKÜ. 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche — José de Moura, S. J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. WILDSCHWEINHAUER ALS WERKGERÄTE — aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. — Von Guilherme Tiburtius — Pesquisas 5 (1961), Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 abb.
12. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA, E NOTÍCIAS PRÉVIAS SOBRE SAMBAQUIS DA ILHA DE SÃO FRANCISCO DO SUL III — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 1961, Antropologia 12, 18 pp., 12 fig.
13. NOTÍCIAS DE UMA INDÚSTRIA LÍTICA NO PLANALTO PARANAENSE — Igor Chwyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.